



O eterno feminino

[Comentário à entrevista]

Henrique Honigsztejn¹, Rio de Janeiro

Resumo: A partir das palavras de Lygia Fagundes Telles o autor busca responder a uma pergunta que lhe aflorou: o que um autor como Goethe experimenta diante da Mulher e que o faz exclamar: “O eterno feminino nos atrai para si”?

Palavras-chave: Criatividade; integração; motor; orgasmo do ego; orgasmo do id.

Ideias, reflexões surgidas a partir do complemento da entrevista de Lygia Fagundes Telles.

“Sem ilusão o mundo é sem graça”, escreveu Nietzsche em uma de suas Reflexões Extemporâneas.

Se paro para receber a carga desta linha, vejo-me como alguém que circulasse pelo mundo munido de um olhar que mais que qualquer outro detectasse o real: o D. Quixote seria um punhado de letras impressas em folhas, e folhas que não valeriam o gasto para sua impressão, pois o que se ganha em saber das loucuras de um velho certamente com lesões isquêmicas cerebrais levando a focos demenciais, e assim e assim por diante, até que: esgotado eu me deixaria ficar arriado numa poltrona a espera de juntar-me e ser envolvida à Realidade maior.

Tenho fortes suspeitas que sem ilusão não há como circular na vida sentindo-a justificada. Vem-me de imediato a área potencial de Winnicott, onde se circula brincando, no fluir da espontaneidade. Nesse fluir da espontaneidade atende-se ao chamado, ao *vocare*. O que ativa esse fluir? A mulher – a mãe suficientemente boa do *holding* winnicottiano que reveste seu bebê da onipotência primária que o permite circular pelo mundo com confiança, com um reservatório de ilusão que o faz sentir-se em casa onde quer que esteja. Não quero dizer: afaste-o da realidade. Sentir-se em casa permite-lhe estar numa condição de ver, perceber e agir não sei se do melhor modo, mas pelo menos experimentando o que está em volta e com possibilidade de pensar e não fugir. E vai indo atendendo ao chamado. O que é esse chamado? Penso que assim como temos em nós algo que vai articulando os instrumentos necessários à comunicação, algo articula em nós conforme o ritmo circulante entre a mãe e seu bebê, conforme as cargas hereditárias e ancestrais e algumas outras conformações, o chamado à realização do ser de cada um realizado pelo fazer mais com ele encaixado. E assim vai esse ser atendendo ao chamado já nele marcado por um lado, e a um outro: o da Eterna-Mulher, que Goethe expressou dramaticamente: O Eterno-Feminino nos atrai para si. Ele que definiu para Eckerman o gênio como a terceira puberdade. Entendo isso como: se se tem a condição do vidente, percebe-se essa mulher presente chamando, chamando, e o que estava nesse homem que é chamado, apagado, recolhido, volta a ganhar vida, reintegra-se a ele e o faz sentir-se na posse do que é erótico. E buscando a posse dos tesouros que a mulher guarda dentro de si: a sabedoria e algo mais. Penso aqui em

1 Membro efetivo da Sociedade Brasileira de Psicanálise do Rio de Janeiro SBPRJ.





Winnicott falando de orgasmo de ego e do id. O orgasmo do ego é experimentado em atividades culturais: o prazer de uma leitura, de em concerto, enfim, de se deixar fluir.

Vou falar de minha visão: o orgasmo do ego seria vivido como uma expansão e daí seu prazer básico, enquanto o orgasmo do id teria reunido em si e daí ser a fonte máxima de prazer: expansão e descarga, às duas experiências acrescentando-se a do poder.

A mulher passa, assim, a ser a grande acionadora, o grande motor. Para ela o homem dirige-se na busca do grande tesouro: não apenas as chaves secretas da sabedoria, mas a da fonte do prazer. Ela, que propicia o maior dos prazeres, o que integra Ego e Id, o que revitaliza todos os fluxos eróticos, tem que ser conquistada, possuída. O homem não estará mais sujeito a prazeres que vem e vão, ele será o dono, terá a posse da fonte da vida, o prazer eterno.

Encerro com Machado de Assis, em *Brás Cubas*: “Grande lascivo, espera-te a voluptuosidade do nada” diz Pandora, mãe e inimiga, ao grande buscador, acenando-lhe com algo que não mais vai passar: a paz. Mas deixar o prazer? Não, ele teima em retornar: “Vamos lá, Pandora, abre o ventre, e digere-me; a coisa é divertida, mas digere-me”.

Brás Cubas busca ver “e fixei os olhos” e vê, o fluir das paixões, e as turbulências, e os conflitos, mas não basta ver e conhecer. Ele quer voltar, penetrar o mais íntimo da mãe, ser digerido. Nessa maior das intimidades talvez espere retornar com a posse do que torna a mulher o grande Mistério e o grande Apelo.

Os grandes tesouros estão no seio da Mãe Terra, e ter essa posse é o grande sonho, a fonte dos *märchen*, das lendas, dos anseios de milhares e milhares de expedições. É um tesouro se apossar daquele ser tão desejado – não mais submeter-se a uma errante busca, carregada de medos e ameaças de não ser recebido e ficar um pobre vagante errante-não, ele irá se apossar da fonte do prazer que agora seu, será sem fim.

El Eterno Feminino

Resumen: *Basado en las palabras de Lygia Fagundes Telles el autor busca una respuesta a una cuestión que le ocurrió: que sentió un autor como Goethe delante de la Mujer e que le hizo escribir: “Lo Eterno-Feminino nos atrae para ella?”*

Palabras clave: *ilusión; mistério; placer; atracción; tesoro.*

The Eternal Feminine

Abstract: *Based on Lygia Fagundes Telles words the author tries to answer a question that raised on his mind: what could have Goethe experienced before the Woman that made him write: “The Eternal-Feminine attracts us to her”.*

Keywords: *illusion; mistery; pleasure; attraction; treasure.*

[Recebido 29.1.09, aceito 5.2.09]

Henrique Honigsztejn

(Sociedade Brasileira de Psicanálise do Rio de Janeiro SBPRJ)

Rua Tonelero, 265/304 – Copacabana

22030-000 Rio de Janeiro, RJ

